



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

COMO AS MÚLTIPLAS DESIGUALDADES CONDICIONAM A RELAÇÃO COM A ESCOLA? UM ESTUDO A PARTIR DA ESCUTA DAS JUVENTUDES DO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO

DOI: 10.56579/eduinterpe.v2i1.3564

Thaís do Prado de Castro¹; Thiago Ingrassia Pereira²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: thaيسprado097@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor orientador na Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: thiago.ingrassia@uffs.edu.br

RESUMO: Este estudo tem como objetivo compreender como as múltiplas desigualdades condicionam a relação de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas com a escola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada com revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com jovens a partir de 16 anos, vinculados ao Centro de Atendimento Socioeducativo de Passo Fundo (RS). Ainda não há resultados preliminares, mas já é possível afirmar que fatores sociais, econômicos e culturais condicionam as trajetórias escolares, contribuindo para a distorção idade/série e evasão escolar. Conclui-se que a compreensão das desigualdades educacionais e a escuta das juventudes é fundamental para práticas pedagógicas e políticas públicas cada vez mais justas, equitativas e emancipadoras.

Palavras-chave: Educação; Múltiplas Desigualdades; Sistema Socioeducativo; Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Em “A ralé brasileira”, Freitas (2024) reflete que quando pensamos sobre o que falta para o Brasil deslancar e se tornar o tão sonhado “país do futuro”, todos sabemos a resposta: “educação”. Afinal, investir nesta área é fundamental para tornar uma nação rica e desenvolvida, uma vez que o conhecimento representa uma via de ascensão social por excelência. A realidade, no entanto, nos mostra que boa parte das escolas públicas enfrentam problemas que comprometem seu funcionamento e missão. Neste contexto, fatores como desorganização familiar e má-fé institucional condicionam trajetórias marcadas pelo fracasso escolar e profissional, como é o caso de parte significativa das juventudes do sistema socioeducativo.

Segundo Amorim, Bastos e Dias (2022), as trajetórias dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas costumam ser marcadas por dificuldades de aprendizagem, notas baixas, abandono e reprovações. Em 2024, 52% dos 12.506 jovens e adolescentes apresentavam distorção idade/série no Brasil — percentual ainda mais elevado entre aqueles em regime de internação, em que o índice chegava a 56%. Ao considerar fatores como raça/cor/etnia, o último levantamento do



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) registrou maior defasagem escolar entre pessoas amarelas (60%) e pretas (54%) (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2024).

Do ponto de vista sociológico, a defasagem escolar, inicialmente, pode ser compreendida pelo adolescente como um desafio individual, gerando questionamento do próprio valor e sentimento de desprezo e humilhação. Progressivamente, passa das posições sociais para a suspeita de uma desigualdade do indivíduo enquanto sujeito. Afinal, as pessoas se sentem responsáveis pelas desigualdades que os afetam, já que, em teoria, todos somos livres e iguais por direito. Além disso, a distância entre os desafios individuais e coletivos abre margem para o ressentimento, as frustrações e, por vezes, o ódio pelos outros, como forma de se defender do desprezo de si mesmo (Dubet, 2024).

Muitas vezes, esses adolescentes preferem se retirar do jogo (saindo da escola) ou reagem tentando destruí-lo por meio da violência (atacando professores, colegas etc.). Isso ocorre porque os mecanismos que produzem as desigualdades estão mais individualizados, fazendo com que as pessoas se sintam as únicas culpadas pelo próprio “fracasso”. De modo geral, estudar ou trabalhar junto não significa comer à mesma mesa, participar das mesmas rodas e frequentar os mesmos espaços. Ao ocuparem posições desiguais, as pessoas são vistas como diferentes em essência. Elas não compartilham o mesmo “valor”, nem o mesmo “sangue” e “dignidade” (Dubet, 2001).

Para Dubet (2024), a afirmação da igualdade dos indivíduos, em contraste com as múltiplas desigualdades que fracionam as situações e as relações sociais, pode ser muito violenta e ameaçadora para os jovens. As desigualdades múltiplas surgem da distinção criteriosa entre dois grupos, que se manifestam dentro de uma mesma classe social. Neste contexto, as barreiras invisíveis — da origem, da cor da pele, do sexo e dos diplomas — funcionam como fronteiras que, por vezes, são difíceis de serem superadas. No último Levantamento do SINASE, 93,1% eram meninos cis, 76,9% heterossexuais, 75% com idade entre 16 e 18 anos e 72% negros, autodeclarados pretos ou pardos. (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2024).

Entre as pessoas menos favorecidas economicamente, a estrutura familiar é determinante para os estudos e o futuro profissional. Uma vida familiar organizada é caracterizada por pessoas capazes de oferecer uma vida segura, estável e emocionalmente equilibrada às crianças. Portanto, não necessariamente é aquela com a figura biológica do pai e da mãe, mas sim aquela em que as funções sociais são preenchidas independente do vínculo. Isso vale para qualquer pessoa que cumpra a função



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

de amar, proteger e cuidar das crianças, assegurando um ambiente seguro e equilibrado, capaz de satisfazer as demandas afetivas e ajudar na autoconfiança infantil (Freitas, 2024).

No que toca à configuração familiar das juventudes do sistema socioeducativo, o Levantamento do SINASE apontou a permanência da mãe como principal responsável pelos adolescentes em 49,7% dos casos, mas destacou que não necessariamente eles moram com a figura materna. Neste contexto, 11,7% dos adolescentes residem só com a mãe e não há informação sobre com quem mora 53,4% dos adolescentes. Essa ausência de informação, inclusive, é apontada como um dos desafios do SINASE (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2024).

Em relação à escolaridade, 42,8% dos adolescentes estavam no Ensino Fundamental II e 34,8% no Ensino Médio. No entanto, houve um decréscimo na frequência escolar. Em 2023, 91,6% dos jovens frequentavam a escola, mas essa porcentagem caiu para 85,3% em 2024. Além disso, esse índice chegou a 61% entre aqueles em regime de internação provisória. No que tange à identidade de gênero, as desigualdades ficam ainda mais evidentes: 62,5% das meninas trans frequentavam às aulas, em comparação a 88% das meninas cis e 86% dos meninos cis, conforme o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (2024). Vale colocar que não foi encontrado informações sobre a frequência escolar no período anterior ao sistema socioeducativo para realizar uma comparação.

A trajetória escolar impacta nas experiências profissionais. Segundo Dubet (2001), os jovens são mais afetados pelo desemprego do que os adultos e, frequentemente, enfrentam um longo período de incertezas e precariedades antes de conseguir um emprego estável. Fatores como demografia, situação econômica e políticas públicas contribuem para esse quadro, como se a sociedade tivesse "escolhido" penalizar as juventudes. Embora não se trate de uma escolha deliberada, é um efeito decorrente de uma série de decisões políticas e sociais que resultam, por exemplo, na desvalorização dos diplomas e no aumento do custo para alcançar a autonomia na vida adulta.

Diante deste cenário, surge a pesquisa intitulada “Como as múltiplas desigualdades condicionam a relação com a escola? Um estudo a partir da escuta das juventudes do sistema socioeducativo”, em desenvolvimento na Universidade Federal da Fronteira Sul. Este estudo colabora com o campo das Ciências Humanas ao oferecer subsídios para compreender como o contexto social, econômico e cultural influência na relação dos jovens com as práticas escolares, bem como fortalece os debates sobre estratégias pedagógicas e políticas públicas para a emancipação desses adolescentes.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

Por isso, o objetivo geral é compreender como as múltiplas desigualdades condicionam a relação dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa com a escola. Para tanto, os objetivos específicos são aprofundar a compreensão acerca das múltiplas desigualdades na educação; identificar os marcadores sociais, econômicos e culturais que condicionam a relação dos jovens com a escola; problematizar os impactos das desigualdades e apontar caminhos para uma educação emancipadora. A pergunta norteadora é: como as múltiplas desigualdades condicionam a relação dos jovens com a escola, considerando o contexto social, econômico e cultural dos socioeducandos vinculados ao Centro de Atendimento Socioeducativo de Passo Fundo?

METODOLOGIA

Como cenário de estudo, a pesquisa terá o Centro de Atendimento Socioeducativo de Passo Fundo (CASE/PF), vinculado à Fundação de Atendimento Socioducativo do Rio Grande do Sul (FASE/RS). A instituição dedica-se aos adolescentes autores de atos infracionais, em regime de internação ou semiliberdade, em consonância com o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) (FASE, 2026).

No primeiro momento, o projeto será submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS e à análise da FASE/RS. Após aprovação, a ideia é entrevistar estudantes com 16 anos ou mais, que concordem em participar do estudo mediante assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, com a permissão dos responsáveis legais por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O recorte etário é porque, nesta idade, os jovens tendem a uma trajetória escolar mais significativa, além de uma possível conclusão da Educação Básica e ingresso na Educação Superior.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Esse processo visa captar, de forma aprofundada, a relação entre as múltiplas desigualdades e a experiência dos jovens com a escola. De acordo com Gil (2021), a entrevista semiestruturada é mais flexível e permite ajustar as perguntas conforme o andamento da conversa, aproveitando melhor o fluxo das respostas. Esta modalidade tem como principal vantagem a sua adequação às características do entrevistado.

As entrevistas buscarão explorar as vivências escolares anteriores e atuais dos adolescentes, suas percepções sobre a escola, os significados atribuídos às experiências educacionais e suas expectativas em relação ao futuro. A entrevista será guiada por um roteiro com perguntas abertas, permitindo flexibilidade e aprofundamento.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

Para interpretar as informações, será feita uma análise de conteúdo de entrevista por Bardin (2016). A técnica envolve uma leitura atenta e estruturada do discurso do entrevistado, com o objetivo de compreender não apenas o que é dito, mas também o que está por trás das palavras. A análise consiste em identificar os temas que aparecem ao longo da entrevista, buscando reconhecer aquilo que estrutura o conteúdo da fala. Portanto, o foco está nas palavras e expressões ligadas ao assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em fase de estruturação e fundamentação bibliográfica. Ainda assim, é possível afirmar que o estudo contribui para o campo das Ciências Humanas ao buscar subsídios teóricos e empíricos para compreender como as múltiplas desigualdades condicionam a relação dos jovens em contextos de medidas socioeducativas com a escola. Além disso, a relevância acadêmica também está na articulação interdisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento, como sociologia, pedagogia, serviço social e estudos sobre o sistema socioeducativo, para compreender um fenômeno complexo, atual e multifacetado, fortalecendo o compromisso acadêmico do PPGICH/UFFS com a transformação social e a produção de conhecimento.

A pesquisa pretende dar visibilidade às vozes e narrativas dos adolescentes, partindo do pressuposto de que a escuta é fundamental para a construção de políticas públicas mais justas e efetivas. Na perspectiva de Freire, essa escuta vai além da capacidade auditiva e da mera cordialidade, é condição essencial para práticas educativas democráticas, capazes de dialogar com os jovens e não apenas para eles. Escutar, neste sentido, requer que se aprenda a escutar o diferente (Saul, 2010).

Por fim, a relevância social está na capacidade de contribuir com os debates sobre questões importantes da sociedade, como as desigualdades educacionais. Mais do que produzir conhecimento, essa dissertação pretende colaborar com políticas públicas emancipadoras. Afinal, quando um jovem das classes populares deixa de estudar ou acreditar na educação, o que está em jogo não é apenas o futuro profissional de alguém, mas o futuro de uma sociedade que naturaliza as desigualdades sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias dos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas são marcadas por dificuldades de aprendizagem, notas baixas, abandono e reprovações, como afirmou Amorim, Bastos e Dias (2022). Essas experiências levam à distorção idade/série, evasão escolar e, por vezes, a um



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

futuro cada vez mais aprisionado à criminalidade. Fatores como desorganização familiar e má-fé institucional condicionam esses caminhos.

A estrutura familiar é, nas palavras de Freitas (2024), um fator determinante para uma vida menos miserável tanto econômica quanto moralmente. Portanto, a relação dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa com a escola não pode ser compreendida de forma isolada ou individual. Ao contrário, trata-se de um fenômeno atravessado por fatores sociais, que produzem e reproduzem exclusões.

Inspirada pela perspectiva freireana, a escuta das juventudes favorece propostas cada vez mais democráticas e emancipadoras. Espera-se que esta pesquisa contribua com o campo interdisciplinar das Ciências Humanas ao oferecer subsídios teóricos e empíricos para a compreensão das desigualdades educacionais e suas implicações nas trajetórias dos adolescentes, assim como auxilie na reflexão sobre estratégias que promovam a permanência na escola e a continuidade dos estudos de jovens negros e periféricos, que constituem a grande massa do sistema socioeducativo no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M.L.; BASTOS, S.F.; DIAS, Maria S.L. **Percepções sobre a qualificação profissional para adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas: um estudo de caso.** *Interfaces da Educação*, v. 13, n. 37, P. 128-160, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.26514/inter.v13i37.4688>. Acesso em: 26 fev. 2026.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.
- DUBET, F. **O tempo das paixões tristes.** Tradução de Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2024.
- DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas.** 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/DYTMchb9qK7FQdSNpcZpBnC/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 13 out. 2025.
- FREITAS, L. **A instituição do fracasso: a educação da ralé.** In: SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- FUNDAÇÃO DE ATENDIMENTO SÓCIO-EDUCATIVO – FASE/RS. **Quem somos.** Disponível em: <https://www.fase.rs.gov.br/quem-somos>. Acesso em: 25 fev. 2026.
- GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.



II Congresso de Educação e Práticas Escolares

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA. **Levantamento Nacional do SINASE - 2024**. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/Levantamento_Nacional_SINASE_2024.pdf . Acesso em: 11 fev. 2025.

SAUL, A.M. Escutar. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.